

Submitted: Aug 31st, 2026

Approved: Aug 26th, 2026

Como as crianças do Quilombo Lagoas são introduzidas a Cultura Quilombola?

How are the children of Quilombo Lagoas introduced to Quilombo Culture?

¿cómo se inician los niños del Quilombo de Lagoas en la Cultura Quilombola?

Bruno Freitas Santos

Professor formador de licenciatura em Educação do Campo

Instituição: Universidade do Estado da Bahia

Endereço: Juazeiro, Bahia, Brasil

E-mail: bs1926019@gmail.com

Audimeia Oliveira dos Santos

Discente do curso de Educação Escolar Quilombola

Instituição: Universidade Federal do Piauí

Endereço: Teresina, Piauí, Brasil

E-mail: parfor@ufpi.edu.br

Edielton dos Santos Oliveira

Discente do curso de Educação Escolar Quilombola

Instituição: Universidade Federal do Piauí

Endereço: Teresina, Piauí, Brasil

E-mail: parfor@ufpi.edu.br

Joao Marcos Alves Ferreira

Discente do curso de Educação Escolar Quilombola

Universidade Federal do Piauí

Endereço: Teresina, Piauí, Brasil

E-mail: parfor@ufpi.edu.br

Luciano Ferreira Barbosa

Discente do curso de Educação Escolar Quilombola

Instituição: Universidade Federal do Piauí

Endereço: Teresina, Piauí, Brasil

E-mail: parfor@ufpi.edu.br

Marcia Pindaiba dos Santos

Discente do curso de Educação Escolar Quilombola

Instituição: Universidade Federal do Piauí

Endereço: Teresina, Piauí, Brasil

E-mail: parfor@ufpi.edu.br

Raildes Barbosa dos Santos

Discente do curso de Educação Escolar Quilombola

Instituição: Universidade Federal do Piauí

Endereço: Teresina, Piauí, Brasil

E-mail: parfor@ufpi.edu.br

RESUMO

O artigo objetiva discutir a importância da contação de histórias, memórias e relatos como uma importante atividade de valorização cultural e de resistência em comunidades quilombolas, que historicamente e culturalmente falando foram excluídas e invisibilizadas de uma sociedade com ainda fortes resquícios de exclusão e dominação social. Onde o público alvo são as crianças 6 a 14 anos em idade escolar residente no Quilombo Lagoas no estado do Piauí em especial quando se fala dos territórios, ancestralidades e memórias perdidas dentro do Quilombo Lagoas. A metodologia utilizada, por meio da observação participante e rodas de contação de histórias com as crianças da comunidade. Com os resultados desta pesquisa, pretende-se alcançar uma maior valorização da contação de histórias, no âmbito do quilombo, como enaltecimento e fortalecimento de vínculos dos modos de vida cultural, considerando as crianças como agentes participantes dentro do quilombo e que irão perpetuar a construção de suas próprias histórias, memórias e identidades.

Palavras-chave: infância, Quilombo, contação de histórias, novas gerações.

ABSTRACT

This article aims to discuss the importance of storytelling, memories, and narratives as key activities for cultural preservation and resistance in Quilombo communities, which—historically and culturally speaking—have been excluded and rendered invisible in a society where strong remnants of exclusion and social domination still persist. The target audience consists of school-aged children between 6 and 14 years old residing in the Quilombo Lagoas community in the state of Piauí, particularly when discussing the territories, ancestral heritage, and lost memories within Quilombo Lagoas. The methodology employed involved participant observation and storytelling circles with children from the community. Based on the results of this research, the aim is to foster a greater appreciation of storytelling within the quilombo as a means of celebrating and strengthening ties to cultural ways of life, recognizing children as active participants within the quilombo who will continue to shape their own stories, memories, and identities.

Keywords: childhood, Quilombo, storytelling, new generations.

RESUMEN

El artículo tiene como objetivo analizar la importancia de la narración de historias, recuerdos y relatos como una actividad fundamental para la valoración cultural y la resistencia en las comunidades quilombolas, que, desde un punto de vista histórico y cultural, han sido excluidas e invisibilizadas por una sociedad en la que aún persisten fuertes vestigios de exclusión y dominación social. El público objetivo son los niños en edad escolar, de entre 6 y 14 años, residentes en el Quilombo Lagoas, en el estado de Piauí, especialmente cuando se trata de los territorios, las ascendencias y las memorias perdidas dentro del Quilombo Lagoas. La metodología utilizada se basa en la observación participante y en círculos de narración de historias con los niños de la comunidad. Con los resultados

de esta investigación, se pretende lograr una mayor valoración de la narración de cuentos, en el ámbito del quilombo, como forma de ensalzar y fortalecer los vínculos con los modos de vida culturales, considerando a los niños como agentes participantes dentro del quilombo que perpetuarán la construcción de sus propias historias, recuerdos e identidades.

Palabras clave: infancia, Quilombo, narración de cuentos, nuevas generaciones.

1 INTRODUÇÃO

Contar histórias em comunidades quilombolas configura-se como uma prática cotidiana que contribui para se manter viva as memórias e sua própria identidade. E isso, é crucial que se comece pelas crianças, afinal elas serão os adultos do amanhã.

A preservação, a transmissão e a ressignificação de saberes e experiências precisam ser mantidas vivas e isso é papel crucial dos adultos. Dar continuidade para as futuras gerações esses importantes sementes, que serão germinadas nas próximas gerações.

As histórias precisam ser renovadas e atualizadas constantemente. Porque quando uma cultura morre, morre também um conjunto de outras coisas importantíssimas que no Brasil, tem se perdido ao longo da história. A riqueza e as diversidades das práticas nos quilombos brasileiros é um ponto crucial para se manter a cultura essencialmente viva e transmissora de saberes e de conhecimentos práticos. Nesse sentido, compreendem-se comunidades quilombolas como um coletivo é sinal de riqueza e de diversidade

A Educação das crianças quilombolas precisa ser sempre um elemento de resistência, que preserva e ressignifica culturas, identidades, memórias. Um ponto importante para a valorização da identidade pessoal e coletiva de um povo. O artigo 68 dos Atos das Disposições Constitucionais Transitórias da Constituição Federal de 1988 (ADCT), que estabeleceu:

“Aos remanescentes das comunidades dos quilombos que estejam ocupando suas terras é reconhecida a propriedade definitiva, devendo o Estado emitir-lhes os títulos respectivos” (Brasil, 1988).

A contação de histórias sempre foi uma prática muito benéfica a beira das fogueiras e que se preservava vínculos fundamentais para uma boa convivência em grupo.

É o ressuscitar de muitas culturas que morreram e que foram extintas de determinados grupos sociais. O conceito de cultura que Max Weber:

[...] teias de significados que ele mesmo teceu, assumo a cultura como sendo essas teias e a sua análise, portanto não como uma ciência experimental em busca de leis, mas como uma ciência interpretativa, à procura de significados (Geertz, 2008, p. 4).

E que precisa, existir para contribuírem também para a riqueza e a diversidade detalhes de um povo. Um espaço, que é mais do que uma luta, mas o reconhecimento de suas trajetórias individuais e coletivas, que precisam ser mantidas vivas em todas as épocas e gerações. Os quilombos são locais férteis, que emanam histórias vivas de resistências e lutas de classes, onde os negros se tornaram mais do que agentes históricos. Se constituíram como transformadores, na luta árdua por maiores autonomias, pela constituição de famílias, por liberdade e pela própria subsistência. “O quilombo foi a mais importante forma de resistência organizada do escravo contra o sistema escravista brasileiro” (MOURA, 2014).

As memórias de um povo é riqueza que não podem ser apagadas é uma diversidade que precisa ser expandida. Uma atividade que vai além da contação de histórias realizadas, mas são laços afetivos que são consolidados e fortalecidos. Com as crianças do hoje, que serão os adultos de um futuro bem próximo. Segundo Geertz (2008, p. 44), “a cultura é a mediação entre o poder e o objetivo de sua ação”. Ou seja, é a oportunidade de entender a mesma como um conjunto de significados transmitidos historicamente, dos anciãos para os mais novos como um ato de resistências.

É na valorização e na resistência que milhares de comunidades quilombolas encontraram portas abertas para transpor às muitas formas de silenciamento cultural e de violências que foram cometidas durante todo o processo histórico da humanidade.

Os territórios quilombolas é a riqueza da diversidade que não pode morrer e nem se apagar. É construção de uma identidade étnica, que nem os estereótipos podem silenciar e nem violar. Para Brandão (2002, p. 16) a cultura:

“existe tanto fora de nós, em qualquer dia do nosso cotidiano, quanto em nós, seres obrigados a aprender, desde crianças e pela vida a fora, a compreender as suas várias gramáticas e a falar as suas várias linguagens”.

E, ancoradas em falas como essas que a contação de histórias é mais do que um rico instrumento de valorização e ampliação da cultura para os adultos de hoje e para as crianças do amanhã.

2 FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA:

Ausência da contação de histórias se tornou um grave problema porque, se perdeu muito daquilo que se tinha de riqueza e de valorização para ser integrada dentro da cultura quilombola nas escolas, nos bairros, nos povoados e dentro de todo o sistema educacional, que conseqüentemente irá contribuir significativamente para o amenizar e o perpetuar as inúmeras formas de desigualdades sociais, educacionais e culturais, que tanto nos afeta diretamente ou indiretamente.

Esse problema afeta diretamente na criação e na educação de muitas dessas crianças quilombolas, que ao longo dos anos, não tiveram a sua própria identidade construída e nem consolidada. Ao não serem adequadamente introduzidas e ensinadas sobre a sua própria cultura, essas crianças correm o risco de perder o vínculo com suas raízes e, conseqüentemente, com a identidade quilombola. Isso, pode afetar negativamente seu bem-estar emocional, autoestima e até sua percepção sobre seu lugar na sociedade e o espaço que as mesmas ocupam dentro da sociedade. “Os quilombos representam espaços de resistência, de preservação da identidade cultural africana e de afirmação da liberdade diante da opressão escravista.”(Munanga, 2019).

As comunidades quilombolas também são afetadas, pois a educação das crianças está diretamente relacionada com a preservação e continuidade de suas tradições culturais. E que, precisam se perpetuar em cada detalhe de riqueza e de diversidade regional e local.

Quando as novas gerações, não são adequadamente formadas dentro do contexto cultural de valorização e de perpetuação de princípios, valores e morais dentro das comunidades, a cultura quilombola corre o risco de ser fragmentada e, eventualmente, desaparecendo com o tempo. Como já, se tem visto em muitos territórios a perda de muitos valores, que já não são, mais valorizados ou cultivados pelas novas gerações, que estão chegando.

A falta de valorização da cultura quilombola no ambiente escolar, pode acarretar diversos impactos negativos: Tais como a Perda de Identidade, em que muitas dessas

crianças podem crescer sem um forte sentido de pertencimento à sua comunidade e sua cultura, o que pode afetar sua autoestima e sua percepção de si mesmas. A desconexão com as tradições culturais, pode gerar insegurança em relação à sua própria identidade, o que pode prejudicar seu desenvolvimento pessoal e social. E que, pode resultar na falta de um alto reconhecimento de si mesma e do outro a sua volta. “O reconhecimento das comunidades quilombolas significa reconhecer a contribuição histórica, cultural e social da população negra para a formação da sociedade brasileira”(Munanga, 2019).

Outro tópico a ser tratado é a desvalorização cultural, que na maioria das vezes é seguida da falta de informação e da ignorância intelectual de muitos: A não inclusão de conteúdos relacionados à cultura quilombola no currículo escolar, pode levar à marginalização dessa cultura na sociedade. Isso reforça, a ideia de que as culturas afro-brasileiras são secundárias ou até desvalorizadas, perpetuando estereótipos e preconceitos em torno dessa riqueza cultural, que ainda é vista com um certo olhar preconceituoso.(Mayer, Almeida, 2014).

Contar história com o intuito de preservar e promover a valorização da cultura de remanescentes quilombolas é entendido aqui como uma das estratégias lúdicas, que podem ser utilizadas na educação infantil e na comunidade quilombola como uma forma de se manter vivo em meio a tantas contradições, desafios e apagamentos de algumas culturas.

O terceiro fato é a questão da desigualdade educacional: Quando as escolas não, são adaptadas para atender às necessidades culturais e educacionais das crianças quilombolas, elas acabam recebendo uma educação que não corresponde à sua realidade. Isso pode, resultar em um desempenho escolar inferior e na falta de acesso a oportunidades, além de contribuir para a exclusão social, e na ausência de uma identidade própria. Ler histórias para crianças quilombolas:

[...] É poder sorrir, rir, gargalhar com as situações vividas pelas personagens, com a ideia do conto ou com o jeito de escrever dum autor e, então, poder ser um pouco cúmplice desse momento de humor, de brincadeira, de divertimento... É também suscitar o imaginário, é ter a curiosidade respondida em relação a tantas perguntas, é encontrar outras ideias para solucionar questões (como as personagens fizeram...). É uma possibilidade de descobrir o mundo imenso dos conflitos, dos impasses, das soluções que todos vivemos e atravessamos – dum jeito ou de outro – através dos problemas que vão sendo defrontados, enfrentados (ou não), resolvidos (ou não) pelas personagens de cada história (cada uma a seu modo)... É a cada vez ir se identificando com outra personagem (cada qual no momento que corresponde àquele que está sendo vivido pela criança)... e, assim, esclarecer melhor as próprias

dificuldades ou encontrar um caminho para a resolução delas [...] (Abramovich, 1997, p. 17).

Outra preocupação é o risco e perda de tradições que são verdadeiras riquezas de um povo ou de uma determinada geração, que em outrora eram pedras preciosas da cultura local. E quando, se perde tais tradições, muitas dessas práticas culturais morrem e outras gerações chegam, sem conhecer o conhecimento ancestral das comunidades quilombolas, que por séculos sustentou os princípios éticos e morais de todo um povo. Daí, nasce a necessidade urgente de preservar a herança, a história e a identidade do povo negro no Brasil, como algo positivo e repleto de orgulho, e não de vergonha ou medo.

A educação nas escolas quilombolas tem um papel crucial na transmissão desses saberes às novas gerações. Sem essa transmissão adequada, o risco de perda de tradições e saberes ancestrais se torna um risco eminente. No entanto, esse cenário vem se modificando ao longo da história da humanidade, pois já existem algumas leis, que incentivam a formação inicial e continuada de professores e de formadores na área da educação escolar quilombola. Brandão (2002, p. 26):

Educar é criar cenários, cenas e situações em que, entre elas e eles, pessoas, comunidades aprendentes de pessoas, símbolos sociais e significados da vida e do destino possam ser criados, recriados, negociados e transformados. Aprender é participar de vivências culturais em que, ao participar de tais eventos fundadores, cada um de nós se reinventa a si mesmo. E realiza isto através de incorporar em diferentes instâncias de seus domínios pessoais de interações (muito mais do que de "estocagem") de e entre afetos, sensações, sentidos e saberes, algo mais e mais desafiadoramente denso e profundo destes mesmos atributos.

E por último, aponta o problema da fragmentação das comunidades. Que de forma simplificada consiste no afastamento das crianças com a sua própria cultura. E tal distanciamento social dentro da própria comunidade quilombola, resulta na rejeição de alguns valores, princípios, que são originalmente pertencentes a esse determinado grupo social. Isso pode gerar uma divisão entre as gerações mais velhas, que mantêm as tradições, e as gerações mais novas, que, não se identificam mais como membros multiplicadores de determinados valores e princípios que são as colunas sustentadoras de um grupo social.

A cultura lúdica é, antes de tudo, um conjunto de procedimentos que permitem tornar o jogo possível. [Em razão disso], a cultura lúdica é, então, composta de um certo número de esquemas que permitem iniciar a brincadeira, já que se

trata de produzir uma realidade diferente daquela da vida cotidiana: os verbos no imperfeito, as quadrinhas, os gestos estereotipados do início das brincadeiras compõem assim aquele vocabulário cuja aquisição é indispensável ao jogo... A cultura lúdica não é um bloco monolítico, mas um conjunto vivo, diversificado conforme os indivíduos e os grupos, em função dos hábitos lúdicos, das condições climáticas ou espaciais (Brougère, 2013, p. 24).

A valorização da memória do povo quilombola torna-se uma forma, se não a melhor, de pensar, fazer e reconstruir sua história. muito dessa memória vem se apagando com o tempo, pois parte desses mais jovens de hoje, não se preocupam com a história do seu povo. Assim, sendo a memória viva dos mais antigos de uma comunidade ou de um determinado grupo social, não podem ser esquecidas, mas preservadas na sua integralidade. E, ao serem conservadas seus caracteres hereditários, seus hábitos e costumes, todos acabam sendo contemplados e enriquecidos porque é na descendência, na raça, nos costumes de determinada cultura, que os sujeitos se identificam e se alto reconhecem como pessoa e como indivíduo. (Ramos, Miranda, Silva, 2022).

E em concordância a tudo isso, Dias afirma que (2017, p. 67):

(...) a necessidade de sobrevivência foi determinante para se estabelecerem com o que possuíam, e assim foram se constituindo como parteiras, benzedoras, exímios conhecedores das práticas agrícolas nos quilombos, profundos conhecedores das plantas medicinais, da arquitetura da matemática como saberes de uma educação comunitária. Reminiscências de um passado não muito distante, e que se mantiveram atrelados ao cotidiano, aos costumes e cultura das comunidades, porém são práticas coletivas e sociais que por muito tempo se mantiveram ocultos. (Dias 2017, p. 67)

Os quilombolas possuem direitos garantidos pela Constituição Federal de 1988, que reconhece suas comunidades como grupos étnicos-raciais distintos, que possuem um direito coletivo às terras que tradicionalmente ocupam, e que por séculos foram menosprezados, roubados e lesionados em vários aspectos e tratados com crueldade e desumanidade. O Artigo 68 do Ato das Disposições Constitucionais Transitórias (ADCT) assegura a titulação das terras quilombolas, reconhecendo seu direito à propriedade definitiva. Além disso, eles têm direito a políticas públicas específicas em áreas como educação, saúde, moradia, e preservação de sua cultura e identidade etc.

De acordo com Campos e Gallinari (2017) As escolas quilombolas foram regulamentadas por meio da criação de Diretrizes Curriculares Nacionais específicas em 2012, isso na prática significa um grande avanço e conquista para todos que mesmo de forma tardia almejavam reconhecimento e oportunidade de direitos.

Esse documento resultou de uma série de discussões relevantes para vários setores da vida em sociedade. Assim, ficou estabelecido que a Educação Escolar Quilombola deve ser oferecida em instituições localizadas dentro das próprias comunidades, um momento riquíssimo para se manter vivos valores, culturas e comportamentos de um povo.

Segundo a Secretaria Especial de Políticas de Promoção da Igualdade Racial (SEPPIR), no programa Brasil Quilombola (2005) houve avanços significativos no que se refere a identidade desse grupo, que se define pelo imaginário social construído a partir de vivências e valores compartilhados. Trata-se de uma referência histórico-cultural comum e compartilhada por meio de versões e experiências de uma trajetória, e de sua continuidade enquanto grupo social, rico em crenças, costumes e valores (SEPPIR, 2005).

Miranda (2012) destaca a importância de conhecimento histórico para entender a formação e a resistência dos quilombos, também enfatiza que os quilombos foram espaços de resistência contra escravidão e opressão e que sua história é marcada pela luta pela liberdade e pela igualdade.

Já, Barreto (2006) a falta de infraestrutura é um dos principais desafios enfrentado pelas comunidades quilombolas os principais pontos são: falta de acesso a serviços básicos infraestrutura precária dificuldades de acesso à educação e saúde com tudo isso ocorre a desigualdade social e econômica dificuldades de desenvolvimento e risco à saúde e segurança. Para Costa (2017, p. 30), é fundamental compreender que a escravidão de africanos:

(...) foi um dos mais violentos, desumano e covarde sistema de dominação e prolongou-se em diferentes partes do mundo. No Brasil os colonizadores queriam negros, e estes, com efeito, foram chegando, primeiro às centenas, e depois aos milhares. A nomeação genérica entre colonizador e colonizado decorrente das `noções de brancos e negros` evidencia que o povo africano foi escravizado devido a cor da sua pele.

Arruti (1997, p. 12) as comunidades sejam elas quilombolas ou não. Não, podem ser vistas simplesmente como restos ou resíduos de uma sociedade escravocrata anterior, mas como uma riqueza de diversidade, de cultura e de tradições. São comunidades vivas que têm sua própria história, cultura e uma identidade. Desse modo, os quilombolas não sobram, mas um povo rico em sua continuidade de histórias, memórias e resistências da cultura africana no Brasil. E que tais comunidades se tornaram mais do que uma extensão de luta e de reluta a um modelo de sociedade dominante e violenta, que se perpetuou por

séculos. E muito, mais do que isso, o reconhecimento das suas culturas e identidade como uma parte valiosa e muito importante patrimônio imaterial brasileiro.

Clóvis Moura (1986) destaca uma discussão sobre a ideologia racista que é utilizada para justificar a escravidão e a opressão de povos negros no Brasil. E provavelmente ele esteja criticando essa ideologia e destacando a importância para o estudo da questão racial no Brasil ele também foi um defensor dos direitos dos negros e da igualdade racial. ele se dedicou ao estudo sobre a questão racial no Brasil.

A sociedade pode apoiar as comunidades quilombolas de várias maneiras. Primeiramente, através de uma educação da conscientização e educação sobre a história e os direitos dos quilombolas são fundamentais. Isso pode ser alcançado por meio de campanhas educacionais, eventos culturais e a inclusão de conteúdos sobre a história afro-brasileira que precisam estar presentes nos currículos escolares, o que é uma realidade ainda distante nas escolas, apesar de ser obrigatoriedade das redes de ensino desde 2003, quando foi sancionada a Lei 10.639. No entanto, há muito a ser feito em prol de melhorias significativas para uma vida muito mais harmônica equitativa.

Regulamentado pela Lei nº 13.005/2014, um dos objetivos do Plano Nacional de Educação considera:

“as necessidades específicas das populações do campo, e das comunidades indígenas e quilombolas, assegurados à equidade educacional e a diversidade cultural. Nesse sentido, o compromisso com a redução de profundas desigualdades sociais no país deve ser um papel de todos: Desenvolver tecnologias pedagógicas que combinem, de maneira articulada, a organização do tempo e das atividades didáticas entre a escola e o ambiente comunitário, considerando as especificidades da educação especial, das escolas do campo e das comunidades indígenas e quilombolas, estimular a oferta do ensino fundamental, em especial dos anos iniciais, para as populações do campo, indígenas e quilombolas, nas próprias comunidades, grifos nossos (Brasil, 2014).

A educação nas comunidades quilombolas enfrenta ainda inúmeros desafios significativos, mas também tem alcançado progressos importantes ao longo da história com muito sangue, lutas e resistências. Muitos programas, políticas públicas em torno do Brasil Quilombola inclui ações voltadas para a educação diferenciada, respeitando e incorporando as tradições e conhecimentos quilombolas no currículo escolar, no qual ainda apresenta muitas lacunas e abismos sociais. Muitos quilombos têm escolas próprias, onde os conteúdos são adaptados para refletir a realidade cultural e histórica da comunidade. O Brasil, em milhares de suas escolas ainda enfrenta série barreiras quando

se fala da inclusão em seus currículos do ensino da História Afro-Brasileira, realidades que precisam ser paulatinamente transformadas.

Diante do Programa Brasil Quilombola (Secretaria Especial de Políticas de Promoção da Igualdade Racial, 2005) objetivou reverter os problemas da invisibilidade das comunidades remanescentes de quilombo. Segundo a Secretaria Especial de Políticas de Promoção da Igualdade Racial (SEPPIR- 2005) aos indivíduos, agrupados em maior ou menor número, que pertençam ou pertenciam a comunidades, que, portanto, viveram, vivam ou pretendam ter vivido na condição de integrantes delas como repositório das suas tradições, cultura, língua e valores, historicamente relacionados ou culturalmente ligados ao fenômeno sociocultural quilombola. (p. 11)

3 CONSIDERAÇÕES FINAIS

A criança seja ela quilombola ou não é sempre uma esponjinha que absorve tudo. Sendo um sujeito lúdico, que trabalha sempre com a imaginação e com a fantasia. Podendo criar brinquedos e brincadeiras enquanto anuncia modos de vida, concepções de mundo, aprendizagens, educação.

Suas brincadeiras são espaços e tempos de trocas de experiências e de conhecimentos que podem ser contextualizados com a comunidade, a história, a identidade negra e quilombola e a relação com o campo mítico-religioso. Um universo lúdico mostra também a participação e a agência infantil na organização de propostas coletivas.

Essas crianças, nascidas durante e após as mudanças advindas do reconhecimento quilombola, crescem em meio às aprendizagens adultas diante das novas designações que o território que são sempre ticos em culturais afro-brasileiras próprias.

E ao tornar adultas serão as guardiãs da memória coletiva, que não pode ser apagada e nem esquecida. Esses espaços educam sobre quem se é, o que significa ser quilombola e estão presentes no processo de territorialização dos grupos.

As culturas infantis mostram que existem processos de aprendizagem em que as crianças são sujeitos ativos diante de adultos que transmitem formas de pensar e agir. Ser quilombola é aprender e ensinar pela oralidade, que propicia descobertas caracterizadas por uma histórica marcada por identidades e pluralidades.

Desse modo, o pensamento sobre valorização da identidade, território e educação, a partir das crianças quilombolas, é uma estratégia necessária pra manter o sentimento de pertencimento de um território étnico-racial na sociedade brasileira.

REFERÊNCIAS

ABRAMOVICH, F. Literatura infantil: gostosuras e bobices. 4. ed. São Paulo: Scipione, 1997. BRANDÃO, C. R. A educação como cultura. Campinas: Mercado das Letras, 2002. BRASIL. Constituição. Constituição da República Federativa do Brasil. Brasília, DF: Senado Federal: Centro Gráfico, 1988. BROUGÈRE, G. Jogo e Educação. Porto Alegre: Artmed Editora, 1998.

_____. Brinquedo e cultura. 8. ed. São Paulo: Editora Cortez, 2013.

FERNANDES, N. O centro e a margem: infância, proteção e acolhimento institucional. In: VASCONCELLOS, V. M., SARMENTO, M. J. Infância (in)visível. Araraquara: Junqueira & Marin, 2007. p. 245-276.

GEERTZ, C. A interpretação das culturas. Rio de Janeiro: LTC, 2008.

HUIZINGA, J. Homo ludens: o jogo como elemento da cultura. Tradução João Paulo Monteiro. 5. ed. São Paulo: Perspectiva, 2004.

KISHIMOTO, T. M. Cultura lúdica como parte da cultura da infância. São Paulo: USP/LABRIMP, 2018. Disponível em: . Acesso em: 24 jun. 2021.

LOPES, J. J., VASCONCELLOS, T. de. Geografia da infância: reflexões sobre uma área de pesquisa. Juiz de Fora: FEME, 2005.

MAYER, B. S., ALMEIDA, N. de. Um tanto de Áfricas em nós: dimensões de africanidades e relações raciais no diálogo entre bibliotecas comunitárias e políticas públicas. In: SILVA, C. da. (Org.). Africanidades e relações raciais: insumos para políticas públicas na área do livro, leitura e bibliotecas no Brasil. Brasília: Fundação Cultural Palmares, 2014. p. 78-93.

MOURA, Clóvis. Rebeliões da Senzala: quilombos, insurreições e guerrilhas. 5. ed. São Paulo: Anita Garibaldi, 2014.

MUNANGA. Rediscutindo a mestiçagem no Brasil: identidade nacional versus identidade negra. 5. ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2019.

ROBERTS, H. Ouvindo as crianças: e escutando-as. In: CHRISTENSEN, P., JAMES, A. Investigação com crianças: perspectivas e práticas. Porto: Edições Escola Superior de Educação de Paula Frassinetti, 2005. p. 25-40.

SILVA FILHO, J. J. da, PAULA, E. de. As brincadeiras das crianças de um quilombo catarinense: imaginação, criatividade e corporalidade. In: ARROYO, M. G., SILVA, M. R. da. Corpo e infância: exercícios tensos de ser criança, por outras pedagogias dos corpos. Rio de Janeiro: Vozes, 2012. p. 47-62.

SOUZA, A. L. S. Dimensões de africanidades e relações raciais na constituição de bibliotecas comunitárias no Brasil: diálogo com as políticas públicas. In: SILVA, C. da. (Org.). Africanidades e relações raciais: insumos para políticas públicas na área do livro, leitura, literatura e bibliotecas no Brasil. Brasília: Fundação Cultural Palmares, 2014. p. 70-86.

COSTA, Benedita. Comunidade Quilombola Tanque do Padre: Memórias, Narrativas e Vivências. Dissertação (mestrado) - Universidade Federal de Mato Grosso. Cuiabá, 2017. DIAS, Maria Helena. Entre Memórias e Narrativas dos Festeiros das Festas de Santo do

Território Quilombola Vão Grande. Dissertação (mestrado) - Universidade Federal de Mato Grosso. Cuiabá, 2017.

CAMPOS, M. C., GALLINARI, T. S. A EDUCAÇÃO ESCOLAR QUILOMBOLA E AS ESCOLAS QUILOMBOLAS NO BRASIL/Quilombola school education and quilombola schools in Brazil. REVISTA NERA, [S. l.], n. 35, p. 199–217, 2017. DOI: 10.47946/rnera.v0i35.4894. Disponível em: <https://revista.fct.unesp.br/index.php/nera/article/view/4894>. Acesso em: 31 jan. 2025.

Secretaria Especial de Políticas de Promoção da Igualdade Racial - SEPPIR. (2005). Programa Brasil Quilombola. Brasília, DF: Autor. Acesso em 12 de janeiro, 2013, em <http://www.seppir.gov.br/arquivos/pbq.pdf>